

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

# O Pequeno Príncipe

Tradução e Adaptação **Leila Villas**

Ilustrações **José Márcio Nicolosi**



MAURICIO DE SOUSA  
EDITORA

GIRASSOL

MAURICIO DE SOUSA

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

# O Pequeno Príncipe



MAURICIO DE SOUSA



# *Sumário*

O Pequeno Príncipe

Créditos

Dedicatória

A responsabilidade e a honra de ilustrar um clássico

Início

- i. 1
- ii. 2
- iii. 3
- iv. 4
- v. 5
- vi. 6
- vii. 7
- viii. 8
- ix. 9
- x. 10
- xi. 11
- xii. 12
- diii. 13
- iv. 14
- v. 15
- vi. 16

vii.	17
viii.	18
ix.	19
x.	20
xi.	21
xii.	22
xiii.	23
iv.	24
v.	25
vi.	26
vii.	27

Sobre o autor

Dados Internacionais De Catalogação Na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira Do Livro, SP, Brasil)

Villas, Leila

Turma da Mônica - O Pequeno Príncipe [livro eletrônico] / adaptação e tradução de Leila Villas ; originais de Antoine de Saint-Exupéry ; ilustrações de José Márcio Nicolosi. — Barueri, SP : Girassol, 2021.  
(Turma da Mônica / Mauricio de Sousa)

ISBN 978-65-5530-147-2 (e-book)

Título original: Le petit prince

1. Literatura infantojuvenil 2. Turma da Mônica I. Título II. Saint-Exupéry, Antoine, 1900-1944 III. Nicolosi, José Márcio IV. Sousa, Mauricio de

14-10625

CDD 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5



## **Estúdios Mauricio de Sousa**

---

**Presidente:** Mauricio de Sousa

**Diretoria:** Alice Keico Takeda, Mauro Takeda e Sousa, Mônica S. e Sousa

**Mauricio de Sousa é membro da Academia Paulista de Letras**

---

### **Gerente Editorial e Multimídia**

Rodrigo Paiva

### **Coordenador de Direitos Autorais**

Eduardo Trevisan

### **Direção de Arte**

Alice Keico Takeda

### **Editor**

Sidney Gusman

### **Assistente Editorial**

Lielson Zeni

### **Revisão**

Ivana Mello

### **Editor de Arte**

Mauro Souza

**Coordenação de Arte**

Irene Dellega, Nilza Faustino

**Assistente de Departamento Editorial**

Anne Moreira

**Desenhos**

José Márcio Nicolosi

**Cor**

Mauro Souza

**Designer Gráfico e Diagramação**

Mariangela Saraiva Ferradás

**Supervisão Geral**

Mauricio de Sousa

GIRASSOL BRASIL EDIÇÕES EIRELI  
Av. Copacabana, 325 - 13º andar - Sala 1301  
Alphaville - Barueri - SP - 06472-001  
[leitor@girassolbrasil.com.br](mailto:leitor@girassolbrasil.com.br)  
[www.girassolbrasil.com.br](http://www.girassolbrasil.com.br)

**Direção Editorial:** Karine Gonçalves Pansa

**Coordenadora Editorial:** Carolina Cespedes

**Editoras Assistentes:** Aline Coelho e Ana Paula Uchoa

**Assistente Editorial:** Patrícia Coelho

**Tradução e Adaptação:** Leila Villas

**Livro Digital:** [Lucas Camargo](#)

**Direitos de publicação desta edição no Brasil reservados à Girassol Brasil  
Edições Eireli**



R. do Curtume, 745 - Bloco F - Lapa

São Paulo - SP - CEP 05065-900

Tel.: (11) 3613-5000

Ilustrações © 2015 Mauricio de Sousa e Mauricio de Sousa Editora Ltda.

Todos os direitos reservados. [www.turmadamonica.com.br](http://www.turmadamonica.com.br)

Para Léon Werth

Peço desculpas às crianças por dedicar este livro a um adulto. Tenho uma boa desculpa: esse adulto é o meu melhor amigo. E tenho mais uma: ele é capaz de compreender tudo, até mesmo os livros para crianças. Uma terceira desculpa: esse adulto mora na França, e ali passa fome e frio. Ele precisa ser reconfortado. Se todas essas desculpas não forem suficientes, quero então dedicar este livro à criança que esse adulto foi um dia. Todos os adultos foram antes crianças. (Mas poucos deles lembram-se disso.) Assim, corrijo a minha dedicatória:

Para Léon Werth,  
quando era menino.

Antoine de Saint-Exupéry





## A RESPONSABILIDADE E A HONRA DE ILUSTRAR UM CLÁSSICO

Quando a Girassol nos procurou com a proposta do lançamento deste livro, a primeira palavra que nos veio à cabeça foi “desafio”, em meio a uma sensação de alegria meio assustada. Já fizemos vários trabalhos lindos com a editora, mas este trazia uma responsabilidade enorme, diferenciada. Afinal, O Pequeno Príncipe é o maior clássico da literatura infantil mundial.

Mas como somos especializados em aceitar desafios, arregaçamos as mangas e começamos a trabalhar. Após receber a excelente versão do texto produzida pela escritora e tradutora Leila Villas, o passo seguinte foi escolher quais dos nossos personagens “interpretariam” cada papel na obra e a definição de traços e cores das ilustrações.

Definido o “elenco” do livro, José Márcio Nicolosi, diretor de animação da Mauricio de Sousa Produções e um dos melhores ilustradores do nosso estúdio, foi o

escolhido para este trabalho tão especial. Sua arte fluida e cheia de movimento é a ideal para transmitir toda reverência que tenho pela obra de Saint-Exupéry e, ao mesmo tempo, imprimir a ela as características dos nossos personagens.

Mas admito que, mesmo com tanto tempo de carreira, foi um misto de surpresa e honra quando vi, na arte do José Márcio, que quem “representaria” Antoine de Saint-Exupéry seria eu. E como fazia sentido, pela relação que o autor tem com o desenho no livro, embarquei na homenagem, todo orgulhoso.

O resultado ficou uma beleza. Um trabalho que me deixou orgulhoso de toda a nossa equipe. Ver o livro pronto me transmitiu a sensação de estar assistindo a uma peça teatral com meus personagens vivendo um clássico da literatura. Agora é a sua vez de sentir a mesma coisa.

E como se faz no teatro, abrimos as cortinas, ou melhor, as páginas e, com toda a pompa que a ocasião permite, informamos respeitável público, que comece o espetáculo.

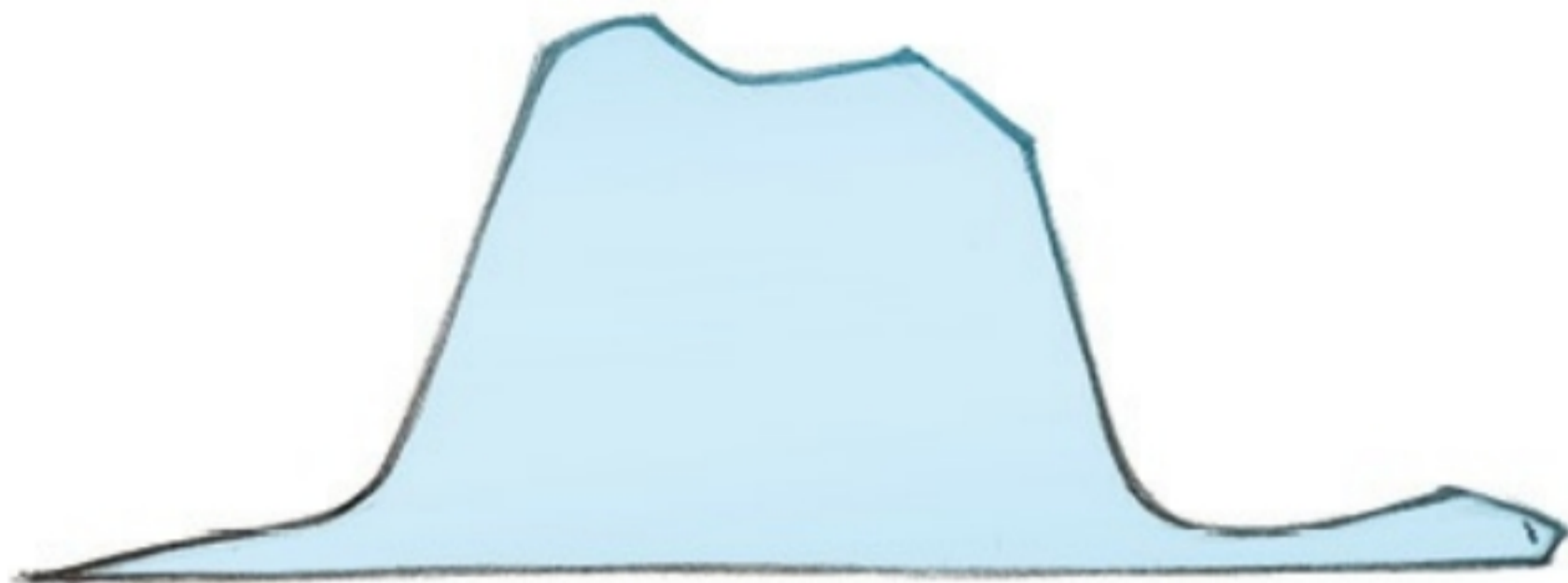
*MAURICIO*



Quando eu tinha seis anos vi, certa vez, uma figura impressionante num livro sobre a floresta virgem, chamado Histórias vividas. Ela mostrava uma jiboia que engolia um animal selvagem. Ao lado está a lembrança que tenho daquele desenho.

O livro explicava: “As jiboias engolem sua presa por inteiro, sem mastigar. Em seguida, não conseguem mais se mexer, e dormem durante seis meses para fazer a digestão”.

Então, fiquei pensando sobre as aventuras da selva e, com lápis de cor, consegui fazer sozinho o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra aos adultos e perguntei se aquele desenho causava medo neles. Eles responderam: “Por que um chapéu causaria medo?”

O meu desenho não representava um chapéu. Representava uma cobra enorme que fazia a digestão de um elefante. Então, desenhei o interior da jiboia, para que os adultos pudessem entender. Eles sempre precisam de explicação. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos então me aconselharam a pôr de lado os desenhos de jiboias, abertas ou fechadas, e a me interessar mais pela geografia, a história, a aritmética e a gramática. Foi assim que, aos seis anos, interrompi minha bela carreira de pintor. Fui

desencorajado pelo pouco sucesso dos meus desenhos número 1 e número 2. Os adultos não compreendem nada sozinhos, e para as crianças é cansativo sempre ter que dar explicações...

Precisei, assim, escolher outra profissão, e fui aprender a pilotar aviões. Voei por quase todos os lugares do mundo. E a geografia, é verdade, me ajudou muito. Só de olhar, eu sabia reconhecer o Arizona, nos Estados Unidos, ou a China. O que é muito útil se nos perdemos durante a noite.

Tive na vida montes de contatos com montes de pessoas sérias. Convivi bastante com os adultos. E os conheci bem de perto. Minha opinião sobre eles não melhorou muito.

Quando eu encontrava um adulto que parecia ser gente boa, eu fazia com ele o teste daquele meu desenho da jiboia fechada, que sempre levava comigo. Queria ver se aquela pessoa compreendia mesmo as coisas. Mas, com ela e com muitos outros, a resposta era a mesma: “É um chapéu”. Então, eu não conversava sobre jiboias, florestas virgens nem estrelas. Falava sobre esportes, política ou roupas. E aquele adulto ficava contente por encontrar uma pessoa tão sensata.



*P*assei a viver meio sozinho, sem ninguém com quem conversar de verdade.

Até que, há seis anos, o meu avião sofreu uma pane, em pleno deserto do Saara. Tive de pousar. Alguma coisa tinha quebrado no motor. E como eu não levava ninguém comigo, me preparei para fazer sozinho aquele conserto complicado. Era uma questão de vida ou morte. A água que eu tinha para beber dava só para oito dias.

Na primeira noite, adormeci na areia. Eu estava a mais de mil quilômetros de qualquer lugar povoado. Mais isolado que um naufrago numa jangada no meio do mar. Vocês podem imaginar a minha surpresa quando, bem cedo, uma vizinha engraçada me acordou, dizendo:

- Por favor... desenhe para mim um carneiro!
- O quê?
- Desenhe para mim um carneiro...

Levantei num pulo, muito espantado. Esfreguei bem os olhos para enxergar melhor. E vi um rapazinho totalmente fora do comum, que me olhava muito sério. Guardei para vocês o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. Mas, claro, meu desenho é muito menos charmoso que o modelo. Não é culpa minha. Vale lembrar que os adultos me fizeram desistir de ser pintor quando eu tinha seis anos, e depois daquelas jiboias não aprendi a desenhar mais nada.



Olhei para o rapazinho com olhos arregalados de espanto. Afinal, eu estava a mais

de mil quilômetros de qualquer lugar habitado. Curioso que o garoto não parecia perdido, nem morto de cansaço, de fome ou de sede, nem de medo. Não tinha nem um pouco a aparência de alguém perdido no deserto. Quando finalmente consegui falar, perguntei:

– Mas... o que faz você aqui?

Ele apenas repetiu, bem devagar, como se fosse uma coisa muito séria:

– Por favor... desenhe para mim um carneiro...

Quando o mistério é muito grande, a gente não se atreve a desobedecer. Por mais absurdo que isso pudesse parecer, no meio do deserto e correndo risco de morrer, tirei do bolso uma folha de papel e um lápis. Mas então lembrei que eu tinha estudado principalmente geografia, história, aritmética e gramática e, meio mal-humorado, disse ao garoto que não sabia desenhar.

Ele apenas disse:

– Não faz mal. Desenhe para mim um carneiro.



Como eu nunca tinha desenhado um carneiro, resolvi fazer para ele um dos dois únicos desenhos que sabia fazer. O da jiboia fechada. E fiquei de queixo caído quando ouvi o garoto afirmar:



– Não! Não! Eu não quero um elefante dentro de uma jiboia. A jiboia é muito perigosa, e o elefante muito espaçoso. Tudo é muito pequeno onde eu moro. Preciso de um carneiro. Desenhe para mim um carneiro.

Então, desenhei.

Ele olhou com atenção, depois disse:

– Não! Este aqui já está muito doente. Faça outro.



Eu ainda estava desenhando quando o garoto sorriu e, com boa educação, falou com certa pena:

– Veja bem... Isto não é um carneiro, é um bode. Tem chifres...



E voltei a tentar. Mas o desenho foi recusado, como os outros

– Este já está muito velho. Preciso de um carneiro que viva bastante.

Então, já perdendo a paciência, e com pressa de começar a desmontar o motor do avião, rabisquei este desenho ao lado. E expliquei:

– Isto é a caixa. O carneiro que você quer está dentro.



Fiquei bastante surpreso quando vi o seu ar de aprovação:

– É exatamente assim que eu queria! Você acha que este carneiro vai precisar de muito capim?

– Por quê?

– Porque onde eu moro tudo é pequeno...

– Vai ser suficiente, com certeza. Estou dando a você um carneiro bem pequeno.

Ele olhou bem:

– Não é tão pequeno assim... Veja! Ele adormeceu.

E foi assim que eu conheci o pequeno príncipe.



*L*evei um bom tempo até entender de onde ele vinha. O pequeno príncipe me fazia muitas perguntas, mas nem sequer parecia ouvir as minhas. Foi durante nossas conversas que, pouco a pouco, fiquei sabendo de tudo. Por exemplo, quando descobriu o meu avião (não consegui desenhar aqui o avião), ele perguntou:

– O que é aquilo?

– Não fale assim. Isso voa. É um avião. É o meu avião.

Eu estava orgulhoso de dizer a ele que voava. Então, ele se admirou:

– Como? Você caiu do céu?

– Sim – respondi com modéstia.

– Ah! Que engraçado!



E o pequeno príncipe teve um belo ataque de riso, o que me deixou bastante irritado. Gosto que as pessoas levem os meus problemas a sério. Depois, ele acrescentou:

– Então você também vem do céu! De que planeta é você?

Percebi na hora uma luz no mistério da sua chegada, e perguntei de repente:

– Então você vem de outro planeta?

Mas ele não respondeu. Assentiu devagar com a cabeça, e continuou olhando para o meu avião:

– Bem, numa coisa dessas, você não pode ter vindo de muito longe...

Ele pareceu ficar sonhando durante muito tempo. Depois, tirou o meu carneiro do bolso e ficou admirando aquele seu tesouro.

Vocês podem imaginar a minha surpresa com aquela quase confiança sobre “outros planetas”. Então, me esforcei para saber mais:

– De onde vem você, meu pequeno rapaz? Onde fica a “sua casa”? Para onde quer levar o meu carneiro?

Depois de ficar pensativo, ele só comentou:

– Legal! A caixa que me deu vai servir de casa para ele durante a noite.

– Com certeza. E, se você for bonzinho, vou lhe dar também uma corda para amarrar o carneiro durante o dia.

Isso pareceu horrorizar o pequeno príncipe:

– Amarrar? Que ideia mais estranha!

– Mas, se você não amarrar o carneiro, ele poderá ir sei lá para onde, e se perder.

E meu amigo teve um novo ataque de riso:

– Mas para onde você acha que ele poderá ir?

– Não importa. Seguir em frente...

Então o pequeno príncipe disse, bem sério:

– Acho que não precisa, é tão pequeno onde eu moro!

E, com ar meio triste, acrescentou:

– Andando sempre em frente, ninguém pode ir muito longe...



**A**ssim descobri uma segunda coisa muito importante: que o planeta de onde ele vinha era só um pouquinho maior que uma casa!

Isso não me surpreendeu. Afinal, eu sabia que, além dos grandes planetas, como a Terra, Júpiter, Marte, Vênus, que foram batizados com nomes, existem centenas de outros, por vezes tão pequenos que mal dá para enxergá-los num telescópio. Quando um astrônomo descobre um desses, ele apenas dá um número. Passa a chamá-lo, por exemplo, de “asteroide 325”.

Tenho boas razões para acreditar que o planeta de onde veio o pequeno príncipe é o asteroide B 612. Esse asteroide foi percebido por um telescópio uma única vez, em 1909, por um astrônomo turco.

Naquela época, ele fez uma importante explanação sobre sua descoberta, num congresso internacional de Astronomia. Mas ninguém acreditou muito nele, por causa das roupas diferentes que usava. Os adultos são assim mesmo...

Para sorte da fama do asteroide B 612, um ditador da Turquia ordenou ao seu povo, sob pena de morte, que passasse a se vestir como os ocidentais. O astrônomo fez novamente sua demonstração em 1920, vestido num terno muito elegante. E, desta vez, todo mundo levou a sério o que ele dizia.

Se contei a vocês esses detalhes do asteroide B 612, e dei até o seu número, é por causa dos adultos. Os adultos adoram números. Quando uma pessoa conta a eles que conheceu um novo amigo, eles nunca perguntam o essencial. Não perguntam, por exemplo: “Como é o som da sua voz? Que jogos ele prefere? Será que coleciona borboletas?” Eles só querem saber: “Qual é a sua idade? Quantos irmãos ele tem?

Quantos quilos pesa? Quanto ganha o seu pai?”. Somente ao saberem essas coisas eles fazem uma ideia desse novo amigo. Se alguém diz aos adultos: “Vi uma linda casa de tijolinhos vermelhos, com flores na janela etc.”, eles não conseguem imaginar a casa. É preciso dizer: “Vi uma casa que custa mais de 200 mil”. Então exclamam: “Deve ser linda!”

Assim, se você disser a eles: “A prova de que o pequeno príncipe existiu é que ele era uma graça de garoto, ria bastante e queria um carneiro. Afinal, se alguém quer um carneiro, é porque existe” – então, eles não vão se importar e passarão a tratar você como criança! Mas se você lhes disser: “O planeta do qual ele veio é o asteroide B 612”, aí ficarão convencidos, e não incomodarão mais com perguntas. Eles são assim mesmo. Não se deve querer mal aos adultos por causa disso. As crianças precisam ter muita paciência com eles.



Mas, claro, nós, que compreendemos a vida, podemos até rir dos números! Eu adoraria ter começado essa história como se fosse um conto de fadas. Assim:

“Era uma vez um pequeno príncipe que morava num planeta pouco maior do que ele e que precisava de um amigo...” Talvez desse jeito ficasse parecendo muito mais verdadeiro.

Na verdade, não gostaria que lessem superficialmente este livro. Fico muito triste ao lembrar de tudo isso. Já se passaram seis anos desde que meu amigo foi embora com o seu carneiro. Se procuro descrevê-lo aqui, é para não me esquecer dele. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo teve um amigo. E posso me tornar como os adultos, que se interessam apenas pelos números. Também por isso comprei uma caixa de lápis e de aquarelas. Não é fácil voltar a desenhar na minha idade, quando tinha feito apenas aquelas tentativas da jiboia fechada e da jiboia aberta, aos seis anos de idade! Naturalmente, vou tentar fazer desenhos o mais parecidos que puder. Mas não estou muito certo de conseguir. Às vezes, um desenho fica razoável, outro já não se parece tanto. Também posso me enganar um pouco no tamanho. Às vezes, o pequeno príncipe sai grande demais, noutras, muito pequeno. Mas, bem ou mal, aqui e ali vou tentando. Poderei me enganar em detalhes ainda mais importantes. Mas espero que me perdoem por isso. Meu amigo nunca dava explicações. Talvez achasse que eu era como ele. Mas, infelizmente, não sei enxergar um carneiro através de uma caixa. Talvez eu seja um pouco como os adultos. Devo ter envelhecido.



**A** cada dia eu aprendia alguma coisa nova sobre o planeta dele, sua decisão de partir e a viagem. Isso ia acontecendo aos poucos, durante as conversas. Foi assim que, no terceiro dia, fiquei sabendo do drama dos baobás.

Mais uma vez, foi graças ao carneiro. De repente, o pequeno príncipe me perguntou, com ar preocupado:

- É verdade mesmo que os carneiros comem arbustos?
- Sim. É verdade.
- Ah! Isso me deixa contente!



Não compreendi. Mas ele continuou:

– Então quer dizer que eles também comem os baobás?

Ponderei que os baobás não são arbustos, mas sim árvores enormes, e que, mesmo que ele levasse consigo uma manada inteira de elefantes, eles não dariam conta de um único baobá.

A ideia da manada de elefantes fez o pequeno príncipe rir:

– Só se fossem colocados uns em cima dos outros...

Mas ele teve o bom senso de observar:

– Antes de crescer, os baobás são pequenos.

– Exatamente! Mas por que você pretende que os carneiros comam os pequenos baobás?

– Ora essa! – respondeu, como se fosse uma coisa evidente. E tive de fazer um grande esforço para compreender o problema por mim mesmo.

Naturalmente, havia no planeta do pequeno príncipe, como em todos os planetas, ervas boas e ervas más. E, portanto, boas sementes de ervas boas e más sementes de ervas más. Mas as sementes são invisíveis. Elas dormem no fundo da terra até que uma delas resolva acordar. Então ela faz um alongamento, e expõe ao sol um raminho gracioso e inofensivo. Se for um ramo de rabanete ou de roseira, a gente pode deixar a planta crescer à vontade. Mas se for de uma planta má, é preciso arrancá-la depressa, logo que se consiga perceber isso. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... Eram as sementes de baobás. O solo do planeta estava repleto delas. E quando se descobrem os baobás tarde demais, fica impossível livrar-se deles. Eles podem tomar conta do planeta inteiro, perfurando-o com suas raízes. E se for um planeta muito pequeno, e os baobás se tornarem numerosos, eles podem até estourar o planeta.

– É uma questão de disciplina – disse mais tarde o pequeno príncipe. – Depois de escovar os dentes de manhã, é preciso escovar com muito cuidado o planeta. E se

acostumar a arrancar sempre os baobás, logo que seja possível distingui-los das roseiras, com as quais se parecem bastante quando pequenos. É um trabalho cansativo, porém muito fácil.

Um dia, ele me aconselhou a fazer um desenho bem bonito, capaz de ajudar a gravar esse alerta na cabeça das crianças do meu planeta.

– Isso poderá ser útil. Às vezes, não faz mal adiar o trabalho que temos para fazer. Mas, quando se trata de baobás, adiar acaba sempre em desastre. Conheci um planeta onde morava um preguiçoso. Ele tinha se descuidado de três arbustos...

E, conforme as explicações do pequeno príncipe, desenhei o tal planeta. Não gosto de empregar um tom moralista. Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, que, desta vez, abro uma exceção, e digo: “Crianças! Tomem cuidado com os baobás!” Por isso procurei caprichar tanto nesse desenho. Essa lição valia a pena.





Ah, pequeno príncipe, assim pude compreender, pouco a pouco, a sua vidinha meio triste. Por muito tempo, a sua única distração era assistir ao pôr do sol. Fiquei sabendo disso na manhã do quarto dia, quando você disse:

- Gosto muito de ver os crepúsculos. Vamos ver um...
- Mas é preciso esperar...
- Esperar o quê?
- Esperar que o sol se ponha.

Você primeiro fez um ar surpreso, depois riu de si mesmo. Em seguida, disse:

- Sempre acho que estou na minha casa!

Todo mundo sabe, por exemplo, que, quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol já está se pondo na França. O horário do pôr do sol varia na Terra. Mas, no seu planetinha, bastava ao pequeno príncipe empurrar um pouco a cadeira onde estava para ver o sol se pôr toda vez que quisesse...

- Um dia, vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes! – disse ele. E acrescentou:
- Você sabe... quando a gente está muito triste, gosta de ver o pôr do sol...



– Naquele dia, você estava tão triste assim?

Mas o pequeno príncipe não respondeu.



No quinto dia, graças ao carneiro, como sempre, outro segredo da vida do príncipezinho me foi revelado. De repente, ele me perguntou, como se falasse de um problema sobre o qual andou pensando muito tempo:

- Se come os arbustos, um carneiro come as flores também?
- Um carneiro come tudo o que vê pela frente.
- Até mesmo as flores que têm espinhos?
- Sim. Até essas.
- Então, os espinhos servem para quê?

Eu não sabia. Naquele momento, eu estava muito ocupado em soltar um parafuso apertado demais no motor do avião. Já estava preocupado porque o defeito parecia grave, e a água para beber já estava acabando, o que me fazia temer o pior.

– Os espinhos servem para quê? – ele voltou a perguntar. Afinal, nunca desistia de uma pergunta que tivesse feito. Eu estava irritado com aquele parafuso e respondi qualquer coisa:

- Os espinhos não servem para nada, devem ser pura maldade das flores!
- Oh! – ele exclamou apenas.

Mas, depois de um silêncio, falou, com uma espécie de rancor:

– Não acredito! As flores são frágeis. São ingênuas. Elas se defendem como podem. Elas se acham terríveis com seus espinhos...

Nada respondi. Nesse momento, eu me dizia: “Se esse parafuso não se soltar, vou fazer com que ele salte com uma martelada”. O pequeno príncipe atrapalhava de novo o meu raciocínio:

– E você acredita, então, que as flores...

– Não! Não! Não acredito em nada! Respondi qualquer coisa. Estou ocupado com coisas sérias!

Ele me olhou chocado.

– Coisas sérias!

Ele estava me vendo com o martelo na mão e os dedos sujos de graxa, debruçado sobre o avião, objeto que lhe parecia muito feio.

– Você está falando como um adulto!

Isso me deixou um pouco envergonhado. Mas ele acrescentou, sem dó:

– Você confunde tudo... mistura tudo!

Ele estava mesmo muito irritado. E disse, sacudindo ao vento seus cabelos dourados:

– Conheço um planeta onde mora um senhor todo avermelhado. Ele nunca cheirou uma flor. Nunca olhou uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez nada, a não ser contas. E durante todo o dia ele repete, como você: “Sou um homem sério! Sou um homem sério!” E isso o deixa estufado de orgulho. Mas ele não é um homem, é um cogumelo!

– O quê?

– Um cogumelo!



Naquele momento, o pequeno príncipe estava pálido de raiva. E continuou:

– Há milhões de anos as flores produzem espinhos. Há milhões de anos que, mesmo assim, os carneiros comem as flores. E não é sério procurar entender por que elas se esforçam tanto produzindo espinhos que nunca servem para nada? A guerra entre carneiros e flores não tem importância? Isso não será mais sério do que as contas de um senhor gordo e vermelho? E se eu conheço uma flor que é única no mundo, que não existe em nenhum outro lugar a não ser no meu planeta, uma flor que um carneirinho poderá liquidar com um só golpe, nada disso tem importância?

Ele enrubesceu, e continuou:

– Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que fique feliz ao olhar para qualquer estrela. Essa pessoa pode dizer: “Minha flor está ali, em algum lugar...” Mas se um carneiro come essa flor, é como se todas as estrelas se apagassem de repente! E isso não tem nenhuma importância!

Ele não conseguiu dizer mais nada. De repente, começou a chorar. A noite tinha caído. Larguei as minhas ferramentas. Ri do meu martelo, do parafuso, da sede e do risco de morrer. Havia numa estrela, no planeta que era o meu, a Terra, um príncipezinho precisando de consolo! Eu o peguei no colo, o embalei e disse: “A flor que você ama não correrá perigo... Vou desenhar uma mordaca para o seu carneiro. E uma proteção para a sua flor...” Não sabia mais o que dizer. Eu me sentia desajeitado. Não sabia como trazê-lo de volta. É mesmo misterioso o país das lágrimas!



**A**preendi logo a conhecer melhor essa flor. No planeta do pequeno príncipe, sempre existiram flores muito simples, com uma única fileira de pétalas, que não ocupavam muito espaço nem incomodavam ninguém. Elas surgiam de manhã em meio às ervas, e à noite já tinham murchado. Mas aquela, em especial, um dia germinou de uma semente que tinha vindo não se sabe de onde, e o pequeno príncipe passou a vigiar de perto aquele raminho que não se parecia em nada com os outros. Afinal, podia ser uma nova espécie de baobá. Mas logo o arbusto parou de crescer e dele começou a brotar uma flor. Assistindo à formação de um botão enorme, o pequeno príncipe pressentiu que dali sairia um verdadeiro milagre. Mas a flor não acabava nunca de se embelezar. Cuidadosamente, ela escolhia as cores. Vestia-se devagar, ajeitando cada pétala. Ela não queria aparecer toda amarrotada, como um cravo. Pretendia apresentar-se linda. Ah, sim, era uma flor muito vaidosa! Sua misteriosa toalete durou vários dias. Até que, certa manhã, bem na hora do nascer do sol, ela apareceu. E, apesar de ter se enfeitado tanto, disse bocejando:

– Aaaah! Estou acabando de acordar... Desculpe-me. Ainda estou toda despenteada...

Então, o pequeno príncipe não escondeu mais sua admiração:

– Como você é linda!



– Pois é – respondeu tranquilamente a flor. – E nasci no mesmo instante que o sol...

O pequeno príncipe logo percebeu que a modéstia não era o seu forte. Mas ela era tão comovente! E disse a ele:

– Acho que está na hora do café da manhã. Poderia ter a bondade de cuidar de mim?

E o pequeno príncipe, todo sem graça, foi imediatamente buscar um regador com água fresca, e serviu a flor.

Logo ela começou a atormentá-lo com a sua vaidade um tanto exagerada. Um dia, por exemplo, falando de seus quatro espinhos, explicou:

– É que podem vir os tigres, com suas garras!

– Não há tigres no meu planeta – respondeu o pequeno príncipe. – Além do mais, os tigres não comem plantas.

– Não sou uma planta – respondeu a flor calmamente.

– Desculpe...

– Não tenho nenhum medo de tigres, mas tenho horror às correntes de ar. Você não teria por acaso um para-vento?

“Horror às correntes de ar... Não é bom sinal para uma planta”, pensou o pequeno príncipe. “Esta flor é bem complicada...”

– À noite, você me porá sob uma redoma de vidro. Faz muito frio neste seu planeta. É muito mal localizado. Lá, de onde venho...

Mas ela não continuou. Afinal, tinha vindo em forma de semente. Não podia conhecer outros mundos. Envergonhada por se deixar surpreender numa mentira tão tola, tossiu duas ou três vezes, para fazer o pequeno príncipe sentir-se culpado, e perguntou:

– E o para-vento?

– Eu estava indo buscar, mas você continuou falando!

Então ela fingiu tossir, para que ele sentisse um pouco de remorso.



Assim, apesar do amor que sentia, o príncipezinho logo passou a desconfiar dela. Levava a sério palavras sem importância, e isso o estava deixando muito infeliz.

– Eu não devia tê-la escutado – confessou um dia. – Não se deve nunca escutar as flores. Deve-se apenas contemplá-las, e sentir o seu perfume. A minha perfumava todo o planeta, mas eu não sabia me contentar com isso. Aquela história das garras, que tanto me irritou, deveria ter me enternecido...

E ele disse ainda:

– Eu não soube compreender nada! Devia ter levado em conta os seus atos, e não suas palavras. Ela me perfumava e me encantava. Eu nunca deveria ter ido embora! Deveria ter percebido a ternura que havia por trás de suas pobres espertezas. As flores são tão contraditórias! Mas eu era muito jovem para saber amá-la.



Acho que, para a sua fuga, ele aproveitou a migração de pássaros selvagens. Na manhã da viagem, pôs o seu planeta em ordem. Com muito cuidado, revolveu os vulcões em atividade. Eram dois. E ele costumava usá-los para esquentar o café da manhã. Havia ainda o vulcão extinto. Mas, como ele dizia: “Nunca se sabe!”. Assim, limpou também o vulcão extinto. Quando bem limpos, os vulcões queimam lentamente e de modo regular, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fagulhas de uma fogueira. Naturalmente, aqui na Terra somos pequenos demais para revolver os grandes vulcões. É por isso que eles nos causam tantos problemas.

Com certa tristeza, o pequeno príncipe também arrancou os últimos brotos de baobás. Ele pensava que não voltaria mais. E quando, pela última vez, foi regar a flor, ao se preparar para protegê-la sob a redoma, ele percebeu que estava com vontade de chorar.

– Adeus – falou à flor.

Mas ela não respondeu.

– Adeus – ele repetiu.

A flor apenas tossiu. Mas não porque estivesse resfriada.

– Fui tola – enfim ela disse. – Peço desculpas a você. Trate de ser feliz.



Ele ficou surpreso ao não ouvir reclamações. E ficou ali, muito sem jeito, com a redoma na mão. Não entendia toda aquela tranquilidade.

– Sim, eu amo você – a flor disse a ele. – Você não sabia disso, por culpa minha. Mas você foi tão tolo quanto eu. Trate de ser feliz... Largue essa redoma. Não quero mais isso.

– Mas o vento...

– Não estou assim tão resfriada... O ar fresco da noite vai me fazer bem. Sou uma flor.

– Mas os bichos...

– Terei de suportar duas ou três larvas se quiser conhecer as borboletas. Parece que elas são lindas. Senão, quem virá me visitar? Você estará longe. Quanto aos bichos grandes, não me causam medo. Tenho as minhas garras.

E, ingenuamente, mostrou os seus quatro espinhos. Depois, falou:

– Não demore tanto para partir, isso me deixa nervosa. Você decidiu ir embora. Vá, então.

É que ela não queria que ele a visse chorar. Era uma flor tão orgulhosa...



*D*urante a viagem, o pequeno príncipe passou pela região dos asteroides 325,

326, 327, 328, 329 e 330. Resolveu então visitá-los.

No primeiro asteroide, morava um rei. Vestido de púrpura e arminho, o rei estava sentado num trono muito simples e, ao mesmo tempo, majestoso.

– Ah! Vejo um súdito! – exclamou quando viu o pequeno príncipe.

“Como pode me reconhecer, se nunca tinha me visto?”, pensou o príncipezinho. Ele não sabia que, para os reis, o mundo é muito simples: todos são seus súditos.

– Aproxime-se, quero vê-lo melhor – disse o rei, todo orgulhoso de, finalmente, ser rei para alguém.



Olhando em volta, o pequeno príncipe procurou um lugar para sentar, mas todo o planeta estava coberto pelo enorme manto do rei. Então, o garoto ficou em pé e, como estava cansado, bocejou.

– É contra a etiqueta bocejar na presença de um rei – disse o monarca. – Eu o proíbo.

– Não consegui evitar – respondeu o pequeno príncipe, todo sem graça. – Fiz uma longa viagem, e não dormi...

– Então – disse o rei – ordeno que você boceje. Há anos que não vejo ninguém bocejar. Para mim, isso é uma curiosidade. Vamos! Boceje outra vez. É uma ordem!

– Assim... não consigo mais... – disse o pequeno príncipe, enrubescendo.

– Hum! Hum! – respondeu o rei. – Então... ordeno que ao mesmo tempo boceje e...

Ele gaguejou um pouco, parecendo envergonhado. Pois o rei fazia questão de que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava a desobediência. Era um monarca absoluto. Mas como era muito bondoso, costumava dar ordens sensatas. Ele costumava dizer:

– Se eu ordenasse a um general que se transformasse em uma gaivota, e o general não obedecesse, não seria culpa dele. Seria culpa minha.

– Posso me sentar? – perguntou timidamente o pequeno príncipe.

– Ordeno que sente – respondeu o rei, puxando a barra de seu manto.

Mas o pequeno príncipe estava admirado. O planeta era minúsculo. Sobre o que podia aquele rei reinar?

– Majestade, peço-lhe perdão por interrogar o senhor...

– Ordeno a você que me interogue – disse o rei.

– Vossa Majestade... reina sobre o quê?

– Sobre tudo – o rei respondeu, com toda a naturalidade.

– Como assim?

Com um gesto discreto, o rei apontou seu planeta, os outros planetas e as estrelas.

– Sobre tudo isso.

Pois não se tratava apenas de um monarca absoluto, mas de um monarca universal.

– E as estrelas obedecem à Vossa Majestade?

– Claro – disse o rei. – Eu não tolero a indisciplina.

Todo esse poder deixou o pequeno príncipe deslumbrado. Se ele próprio tivesse um poder assim, teria podido assistir não a quarenta e quatro, mas a setenta e dois, mesmo cem ou até duzentos crepúsculos num único dia, sem precisar nem empurrar sua cadeira! E como estava meio triste ao lembrar do planetinha que havia abandonado, atreveu-se a solicitar uma graça ao rei:

– Gostaria de ver um pôr do sol... Por favor, me dê esse prazer... Ordene ao sol que se ponha...

– Se eu ordenasse a um general que voasse de uma flor a outra, como uma borboleta, ou se transformasse num pássaro marinho, e ele não cumprisse a minha ordem, a culpa seria minha ou dele?

– Seria sua – disse o pequeno príncipe com firmeza.

– Exatamente. Deve-se exigir de cada um o que cada um pode dar – continuou o rei. – A autoridade se baseia primeiro na razão. Se você ordenar ao seu povo que se atire no mar, ele fará uma revolução. Tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são sensatas.

– Mas e o meu pôr do sol? – lembrou o pequeno príncipe, que nunca esquecia uma pergunta feita.

– Você terá o seu pôr do sol. Vou exigir. Mas, na minha sabedoria de governar, esperarei que as condições sejam favoráveis.

– Quando elas serão? – quis saber o pequeno príncipe.

– Bem... – disse o rei, consultando um calendário. – Hum! Hum! Será em torno... será esta noite, em torno das sete e quarenta! Você então verá como sou

obedecido.

O pequeno príncipe bocejou. Sentia falta do seu pôr do sol. E, depois, já estava um pouco entediado:



– Não tenho mais nada para fazer aqui – disse ao rei. – Vou embora!

– Não vá – disse o rei, que estava tão orgulhoso por ter um súdito. – Vou nomear você meu ministro!

– Ministro do quê?

– Da... da Justiça!

– Mas aqui não tem ninguém para julgar!

– Não se sabe – disse o rei. – Ainda não dei a volta em meu reino. Estou muito velho, aqui não tem espaço para uma carruagem, e andar a pé me cansa.

– Ah! Mas eu já vi tudo – disse o pequeno príncipe inclinando-se para dar uma olhada do outro lado do planeta. – Também não tem ninguém por lá...

– Então você julgará a si mesmo – respondeu o rei. – Isso é o mais difícil. É bem mais difícil julgar a si mesmo do que julgar os outros. Se você conseguir julgar bem a si mesmo, mostrará que é um verdadeiro sábio.

– Bem, posso julgar a mim mesmo em qualquer lugar. Não preciso estar aqui, disse o pequeno príncipe.

– Ah! – continuou o rei – Creio que há um velho rato em algum canto do meu planeta. Posso ouvi-lo durante a noite. Você julgará esse velho rato. E o condenará à morte de vez em quando. Desse modo, a vida dele dependerá da sua justiça. Mas a cada vez você o absolverá, para poupá-lo. Pois só temos esse.

– Bem – respondeu o pequeno príncipe – não me agrada condenar alguém à morte. Acho melhor ir embora.

– Não – disse o rei.

Mas o pequeno príncipe, que já tinha acabado os seus preparativos, não quis mais aborrecer o velho monarca:

– Se Vossa Majestade deseja ser prontamente obedecido, poderia me dar uma ordem sensata. Por exemplo, ordenar que eu parta em menos de um minuto. Creio que as condições são favoráveis...

Uma vez que o rei nada respondeu, o pequeno príncipe deu um suspiro e partiu.  
– Faço você meu embaixador – ainda gritou o rei com ar de grande autoridade.  
“Os adultos são bem estranhos”, o pequeno príncipe foi pensando durante a viagem.





**N**o segundo planeta, morava um vaidoso:

– Ah! Recebo a visita de um admirador! – exclamou o vaidoso ao ver o pequeno príncipe.

Afinal, para os vaidosos, os outros são sempre seus admiradores.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – Você está usando um chapéu engraçado.

– É para cumprimentar os outros – respondeu o vaidoso. – Para agradecer quando me aplaudem. Infelizmente, nunca passa ninguém por aqui.

– Ah, é? – disse o pequeno príncipe, sem entender.

– Bata palmas, recomendou o vaidoso.

O pequeno príncipe bateu palmas. O vaidoso então agradeceu, erguendo o seu chapéu.

“Este cara é mais divertido do que o rei”, pensou o pequeno príncipe. E voltou a bater palmas. O vaidoso voltou a agradecer, levantando o chapéu.



Depois de cinco minutos, o príncipezinho se cansou da monotonia dessa brincadeira.

– É verdade que você me admira muito, não é? – perguntou o vaidoso.

– O que quer dizer “admirar”?

– “Admirar” significa reconhecer que sou o homem mais bonito, o mais bem-vestido, o mais rico e o mais inteligente do planeta.

– Mas só tem você neste planeta!

– Dê a mim esse prazer. Admire-me assim mesmo!

– Eu o admiro – disse o pequeno príncipe. – Mas que diferença isso faz para você?

E o pequeno príncipe foi embora. “Decididamente, os adultos são muito estranhos”, pensou durante a viagem.



**N**o planeta seguinte, morava um beberrão. Esta visita foi rápida, mas deixou o pequeno príncipe triste.

– O que faz você aqui? – ele perguntou ao bêbado, que estava sentado em silêncio diante de uma porção de garrafas, umas vazias, outras cheias.

– Estou bebendo – respondeu o beberrão, meio choroso.

– E por que você bebe?

– Para esquecer – respondeu.

– Para esquecer o quê? – quis saber o pequeno príncipe, já com pena.

– Esquecer que tenho vergonha – confessou o bêbado, baixando a cabeça.

– Vergonha de quê? – perguntou o pequeno príncipe, querendo ajudá-lo.

– Vergonha de beber! – concluiu o bêbado, voltando ao seu silêncio.

E o pequeno príncipe foi embora, perplexo.

“Decididamente, os adultos são muito, muito estranhos”, foi pensando.



*N*o quarto planeta, morava um homem de negócios. Ele estava tão ocupado que nem ergueu a cabeça quando o pequeno príncipe chegou.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – Seu cigarro está apagado.

– Três mais dois são cinco. Cinco mais sete, doze. Doze mais três, quinze. Bom dia! Quinze mais sete, vinte e dois. Não tenho tempo de acender meu cigarro... Vinte e dois mais oito, trinta. Ufa! Portanto, o total é de quinhentos e um milhões seiscentos e vinte e dois mil setecentos e trinta e um.

– Quinhentos e um milhões de quê?



– Hein? Você ainda está aí? Quinhentos e um milhões de... não sei mais... tenho tanto trabalho! Eu sou uma pessoa séria, não me distraio com coisas fúteis. Dois mais cinco, sete...

– Quinhentos e um milhões de quê? – repetiu o pequeno príncipe que nunca, em toda a vida, desistiu de uma pergunta que tivesse feito.

O homem de negócios levantou a cabeça:

– Durante os cinquenta e quatro anos em que moro neste planeta, só fui incomodado três vezes. A primeira, há vinte e dois anos, por um besouro que caiu aqui, Deus sabe de onde. Ele fazia um barulho espantoso, e isso causou quatro erros numa conta. A segunda vez foi há onze anos, quando tive uma crise de reumatismo. Não faço exercícios. Não tenho tempo de vadiar. Sou uma pessoa séria. A terceira vez... é esta! Eu dizia então quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O homem de negócios compreendeu que não teria sossego:

– Milhões dessas coisinhas que vemos às vezes no céu.

– Moscas?

– Ah, não. Coisinhas que brilham.

– Vaga-lumes?

– Não! Aquelas coisinhas prateadas, que fazem sonhar os preguiçosos. Mas eu sou uma pessoa séria! Não tenho tempo para sonhar.

– Ah, as estrelas?

– Isso mesmo. Estrelas.

– E o que você faz com cinco milhões de estrelas?

– Quinhentos e um milhões seiscentos e vinte e dois mil setecentos e trinta e uma! Sou uma pessoa séria, exijo exatidão.

– Mas o que você faz com essas estrelas?

– O que faço? Nada. Apenas as possuo.

- Você possui as estrelas?
  - Sim.
  - Já vi um rei que...
  - Os reis não possuem. Eles “reïnãm”. É muito diferente.
  - E para que serve possuir as estrelas?
  - Para ser rico.
  - E para que serve ser rico?
  - Serve para comprar outras estrelas quando forem encontradas.
- “Esse aí raciocina um pouco como aquele beberrão”, pensou o pequeno príncipe.

E voltou a perguntar:

- Como pode alguém possuir as estrelas?
- De quem são elas? – rebateu com impaciência o homem de negócios.
- Não sei. De ninguém.
- Então, elas são minhas, pois fui o primeiro a pensar nisso.
- Isso basta?
- Claro que sim. Se você encontra um diamante que não pertence a ninguém, ele é seu. Quando você é o primeiro a ter uma ideia, você pode registrá-la, e ela se torna sua. E eu possuo estrelas, uma vez que ninguém jamais pensou nisso antes.
- Isso é verdade – disse o pequeno príncipe. – E o que faz com elas?
- Eu as gerencio. Eu as conto e volto a contar – disse o homem de negócios. – Não é nada fácil. Mas sou um homem sério!

O pequeno príncipe não se deu por satisfeito.

- Se eu tenho um cachecol, posso colocá-lo em volta do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher essa flor e levá-la comigo. Mas você não pode colher as estrelas!
- Não, porém posso depositá-las num banco.
- O que isso quer dizer?

– Quer dizer que anoto num papelzinho o número de estrelas que possuo. Depois, tranco esse papel à chave numa gaveta.

– E isso é tudo?

– É suficiente!



O pequeno príncipe pensou: “Isso é divertido. É até poético. Mas não é tão sério assim.” Ele fazia das coisas sérias uma ideia muito diferente da que fazem os adultos. E disse ainda:

– Eu possuo uma flor que rego todos os dias. E também três vulcões, que limpo toda semana. É útil para os meus vulcões, e é útil para a minha flor, que eu os possua. Mas você não é útil às estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não achou o que dizer, e o pequeno príncipe foi embora.

“Realmente, os adultos são mesmo esquisitos”, foi pensando durante a viagem.



**Q**uinto planeta era o menor de todos. Tinha espaço para abrigar apenas um lampião e um acendedor de lampiões. O pequeno príncipe não fazia ideia para que podiam servir, naquele planeta sem casas nem população, um lampião e um acendedor de lampiões. Contudo, disse para si mesmo:

“É bem possível que esse homem não seja coerente. Mas ele é mais coerente que o rei, o vaidoso, o homem de negócios e o beberrão. Pelo menos, o seu trabalho faz algum sentido. Quando acende seu lampião, é como se ele fizesse nascer uma estrelinha a mais, ou mais uma flor. Quando apaga o lampião, faz adormecer a flor ou a estrela. Essa é uma ocupação muito bonita. E, por ser bonita, é verdadeiramente útil.”



Ao chegar ao planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor:

– Bom dia. Por que acaba de apagar seu lampião?

– É meu dever – respondeu o acendedor. – Bom dia.

– O que é um dever?

– É apagar meu lampião. Boa noite.

E voltou a acendê-lo.

– Mas por que agora volta a acender?

– É meu dever – respondeu o acendedor.

– Não entendo – disse o pequeno príncipe.

– Não há o que entender – disse o acendedor. – Um dever é um dever. Bom dia.

E apagou o lampião. Depois enxugou a testa com um lenço com quadrados vermelhos.

– É duro o meu trabalho aqui. Antigamente era melhor. Eu apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar, e o resto da noite para dormir...

– E então o dever mudou?

– O dever não mudou. Aí está o problema! A cada ano o planeta gira mais rápido, e o dever não mudou! Agora que o planeta faz uma volta por minuto, não tenho mais um segundo de descanso. Acendo e apago uma vez por minuto!

– Que engraçado! Os dias no seu planeta duram só um minuto?

– Não é nada engraçado – disse o acendedor. – Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos, trinta dias! Boa noite.

E voltou a acender o lampião.

O pequeno príncipe percebeu que gostava daquele acendedor, tão fiel ao cumprimento do seu dever. E lembrou dos crepúsculos que ele mesmo ia buscar, em seu planeta, arrastando um pouco a cadeira. Quis então ajudar seu novo amigo:

– Veja... sei de um jeito que vai dar para você descansar quando quiser...

– É o que eu mais quero – disse o acendedor.

Afinal, é possível ser, ao mesmo tempo, fiel e preguiçoso. O pequeno príncipe continuou:

– O seu planeta é tão pequeno que você pode dar a volta nele em três pernadas. Só vai precisar andar bem devagar para ficar sempre debaixo do sol. Quando quiser descansar, andará só um pouquinho... e o dia vai durar o tempo que você quiser.

– Isso não vai adiantar muito – disse o acendedor. – O que mais gosto na vida, sem dúvida, é de dormir.

– É falta de sorte – disse o pequeno príncipe.

– É falta de sorte – disse o acendedor. – Bom dia. E apagou o lampião.

Durante a viagem, o pequeno príncipe pensou: “Esse acendedor seria desprezado por todos os outros. Pelo rei, pelo vaidoso, pelo bêbado, pelo homem de negócios. Mas ele é o único que não me pareceu ridículo. Talvez porque se ocupa de outra coisa além de si mesmo.”

Suspirou de tristeza, e ainda pensou: “Ele é o único que poderia ser meu amigo. Mas seu planeta é pequeno demais. Não há lugar para dois...”

O que o pequeno príncipe não ousava admitir é que estava triste por deixar aquele planeta por causa, principalmente, dos seus mil quatrocentos e quarenta crepúsculos a cada vinte e quatro horas!



**Q**sexto planeta era dez vezes maior. Nele morava um senhor que escrevia em cadernos enormes.

– Olha só! Aí vem um explorador! – exclamou quando viu o pequeno príncipe, que logo sentou junto à mesa para respirar um pouco. Afinal, já tinha viajado tanto!



– De onde você vem? – perguntou o senhor.

– O que é esse livro grande? O que faz aqui?

– Sou geógrafo – disse o senhor.

– O que é um geógrafo? – quis saber o pequeno príncipe.

– É um pesquisador que sabe onde ficam os mares, os rios, as cidades, as montanhas e os desertos.

– Isso é bem interessante – disse o pequeno príncipe. – Essa é, enfim, uma verdadeira profissão! E o garoto deu uma olhada no planeta do geógrafo. Nunca tinha visto antes um planeta tão imponente.

– O seu planeta é muito bonito. Tem oceanos?

– Não sei ainda – disse o geógrafo.

– Ah! – disse o pequeno príncipe, decepcionado. – E montanhas?

– Não posso saber – disse o geógrafo.

– E cidades? E rios? E desertos?

– Também ainda não sei – disse o geógrafo.

– Mas o senhor é um geógrafo!

– É verdade, porém não sou um explorador. Tenho total falta de exploradores. Não é o geógrafo quem faz a contagem das cidades, dos rios, das montanhas, dos mares, dos oceanos e dos desertos. Um geógrafo é alguém importante demais para flunar por aí. Ele nunca deixa o seu escritório. Mas nele recebe os exploradores. Ele os interroga e toma nota dos seus relatos. E, quando algum relato parece interessante, o geógrafo manda investigar a ética do explorador.

– Por que isso?

– Porque um explorador mentiroso provocaria um desastre nos livros de geografia. Assim como um explorador bêbado.

– Por quê?

– Porque os bêbados veem tudo duplicado. Então o geógrafo registraria duas

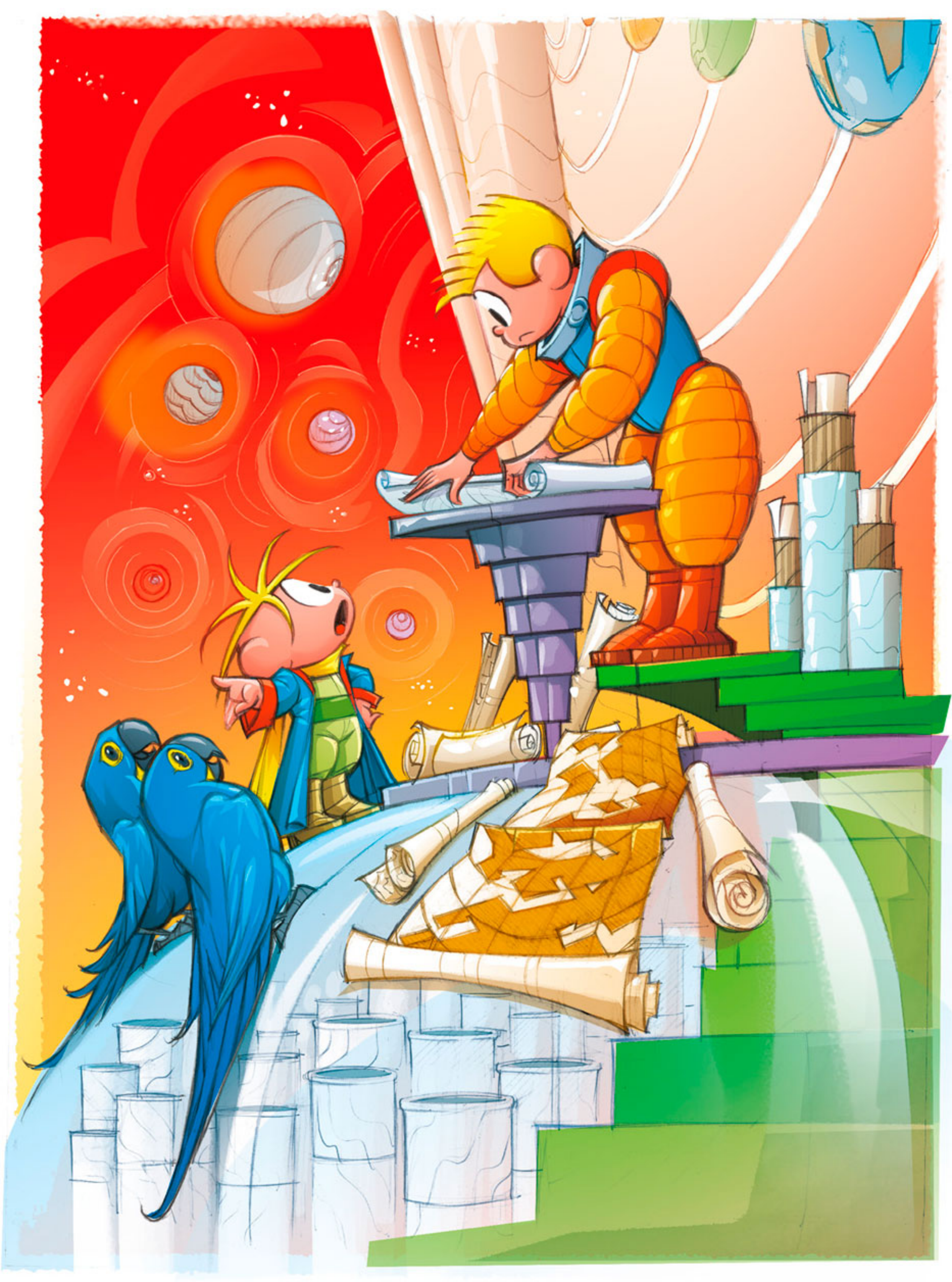
montanhas no lugar onde existe uma só.

– Conheci um homem que seria um mau explorador.

– É bem possível. Assim, só quando a ética do explorador é comprovada fazemos uma pesquisa sobre a sua descoberta.

– E vão ao local confirmar?

– Não. Isso seria muito complicado. Mas exigimos que o explorador apresente provas. Quando, por exemplo, se trata da descoberta de uma grande montanha, exigimos que ele apresente pedras grandes.



De repente, o geógrafo se entusiasmou:

– Mas você vem de longe! Você é um explorador! Então vai me descrever o seu planeta!

E, depois de abrir seu caderno, em meio a vários mapas, o geógrafo apontou o lápis. Primeiro, um geógrafo anota a lápis os relatos dos exploradores. Antes de passá-los à tinta, espera que o explorador forneça provas.

– E então? – perguntou o geógrafo.

– Ah, no planeta onde moro, tudo é muito pequeno. Tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto. Mas nunca se sabe.

– Nunca se sabe – disse o geógrafo.

– Tenho também uma flor.

– Não registramos as flores – disse o geógrafo.

– Mas por quê? É o mais bonito!

– Porque as flores são efêmeras.

– O que quer dizer “efêmera”?

– Os livros de geografia são os mais sérios de todos os livros. Nunca saem de moda. É muito raro que uma montanha mude de lugar. Ou que um oceano se esvazie de sua água. Nós escrevemos sobre coisas eternas.

– Mas os vulcões extintos podem despertar, interrompeu o pequeno príncipe. – O que quer dizer “efêmera”?

– Sejam os vulcões extintos ou ativos, isso não faz diferença para nós, disse o geógrafo. Para nós, o que conta é a montanha. Ela nunca sai do lugar.

– Mas o que quer dizer “efêmera”? – repetiu o pequeno príncipe.

– Significa aquilo “que está ameaçado de desaparecimento próximo”.

– Minha flor está ameaçada de desaparecimento próximo?

– Com certeza.

“Minha flor é efêmera”, pensou o pequeno príncipe, “e tem somente quatro

espinhos para se defender do mundo! E eu a deixei sozinha em meu planeta!” Esta foi a sua primeira reação de remorso. Mas continuou:

– O que o senhor me aconselha a visitar?

– O planeta Terra – respondeu o geógrafo. – Ele tem boa reputação...

E o pequeno príncipe foi embora, pensando na sua flor.



**Q**sétimo planeta, então, foi a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer! No meu tempo, a Terra tinha cento e onze reis (sem esquecer, naturalmente, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de beberrões, trezentos e onze milhões de vaidosos, num total de cerca de dois bilhões de adultos.

Para se ter uma ideia das dimensões da Terra, eu diria que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, em todos os seus seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil quinhentos e onze acendedores de lampiões.



Visto a distância, isso tinha um efeito maravilhoso. Os movimentos desse exército eram orquestrados como os de um balé. Primeiro, era a vez dos acendedores da Nova Zelândia e da Austrália. Depois de terem acendido os seus lampiões, eles iam dormir. Então entravam nessa dança os acendedores de lampiões da China e da Sibéria. Em seguida, estes também desapareciam nos bastidores. Era a vez, então, dos acendedores da Rússia e da Índia. Depois, a dos acendedores da África e da Europa. A seguir, vinham os da América do Sul. E os da América do Norte. E eles nunca se enganavam na ordem de sua entrada em cena. Era maravilhoso.

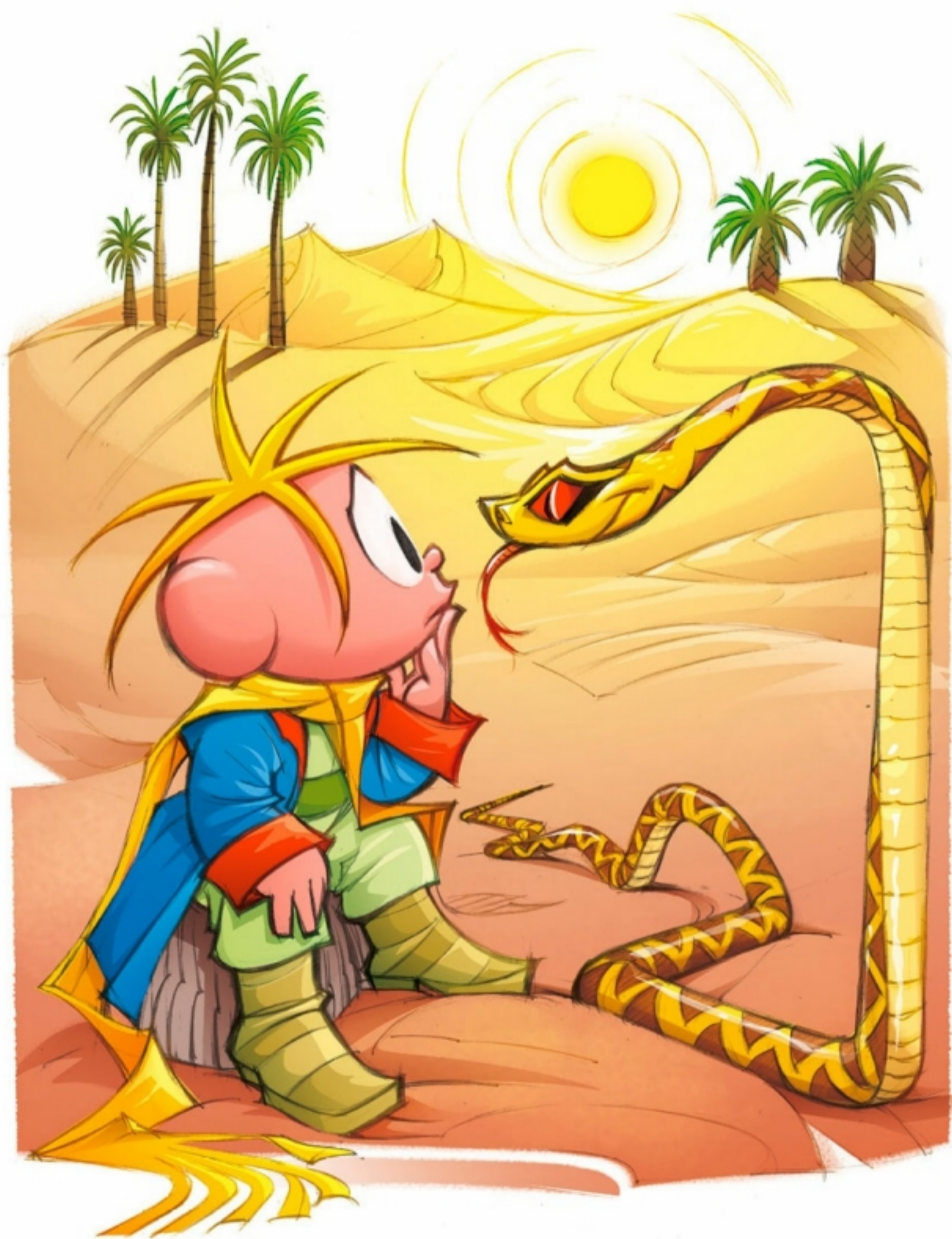
Apenas o acendedor do único lampião do Polo Norte e seu colega do único lampião do Polo Sul levavam uma vida muito folgada: só trabalhavam duas vezes por ano.



Quando queremos fazer graça, podemos mentir um pouco. Não fui muito honesto quando lhes falei dos acendedores de lampiões. Posso ter dado uma ideia falsa do nosso planeta para quem não o conhece. Os homens ocupam pouco espaço na Terra. Se aqueles dois bilhões de habitantes ficassem todos em pé e um tantinho apertados, como num show, eles poderiam ocupar facilmente uma grande praça pública de uns trinta quilômetros de comprimento por uns trinta de largura. Daria para amontoar toda a humanidade numa pequena ilha do oceano Pacífico.

Claro que os adultos não vão acreditar nisso. Eles pensam ocupar muito mais espaço. Eles se acham tão importantes quanto os baobás. Peçam então aos adultos que façam as contas. Eles adoram números: vão gostar disso. Mas vocês não precisam perder tempo com essa dura tarefa. Seria inútil. Vocês confiam em mim.

Uma vez na Terra, o pequeno príncipe ficou muito surpreso por não ver ninguém. Já pensava ter se enganado de planeta quando viu uma espécie de anel da cor da lua se remexendo na areia.



– Boa noite – disse ele.

– Boa noite – disse a serpente.

– Em que planeta vim cair?

– Na Terra. Na África – respondeu a serpente.

– Ah... Então não tem ninguém na Terra?

– Aqui é o deserto. Não tem ninguém nos desertos. Mas a Terra é muito grande – explicou a serpente.

O pequeno príncipe sentou numa pedra e levantou os olhos para o céu:

– Será que as estrelas são todas iluminadas para que cada pessoa possa um dia reencontrar a sua? Veja o meu planeta. Ele está exatamente em cima de nós... Mas está tão longe!

– Ele é bonito – disse a serpente. – O que você veio fazer aqui?

– Tive problemas com uma flor – disse o pequeno príncipe.

– Ah! – exclamou a serpente.

E os dois se calaram.

– Onde estão as pessoas? – voltou enfim a falar o pequeno príncipe. – Estamos um pouco sós no deserto...

– Nós nos sentimos sós também entre as pessoas – disse a serpente.

O pequeno príncipe olhou longamente para ela. Por fim, disse:

– Você é um bicho engraçado, fininho...

– Mas sou mais poderosa que um rei – disse a serpente.

O pequeno príncipe deu um sorriso:

– Você não pode ser tão poderosa... nem sequer tem patas... nem pode viajar...

– Posso levar você mais longe do que um navio.

Ela se enrolou em volta do tornozelo dele, como um bracelete de ouro:

– Toda pessoa em quem toco, devolvo à terra de onde veio. Mas você é puro e vem de uma estrela...

O pequeno príncipe nada respondeu.

– Tenho pena de você, tão frágil, nesta Terra de pedra. Posso ajudar você, se um dia ficar com muita saudade do seu planeta. Posso...

– Ah! Entendi muito bem o que quis dizer – disse o pequeno príncipe. – Mas por que você fala sempre por enigmas?

– É que posso decifrar todos eles – disse a serpente.

E os dois se calaram.





*Q* pequeno príncipe atravessou o deserto e encontrou só uma flor. Uma florzinha apenas com três pétalas...



– Bom dia – disse o pequeno príncipe educadamente.

– Bom dia – disse a flor.

– Onde estão as pessoas?

A flor, certa vez, tinha visto passar uma caravana:

– As pessoas? Acho que existem seis ou sete. Eu as vi há alguns anos. Mas nunca sabemos onde encontrá-las. O vento as leva embora. Elas não têm raízes, e isso as deixa em apuros.

– Adeus – disse o pequeno príncipe.

– Adeus – disse a flor.



**Q** pequeno príncipe subiu uma alta montanha. As únicas montanhas que conhecia até então eram os seus três vulcões, que só chegavam à altura dos seus joelhos. E ele costumava usar o vulcão extinto como banquinho. Então pensou: “De uma montanha alta como esta, poderei avistar todo este planeta e todas as pessoas...”. Mas ele só enxergou rochas bem pontudas.

– Bom dia – falou então, ao léu.

– Bom dia... Bom dia... Bom dia... – respondeu o eco.



– Quem é você? – perguntou o pequeno príncipe.

– Quem é você... quem é você... quem é você... – o eco respondeu.

– Sejam meus amigos, estou sozinho – disse ele.

– Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho... – respondeu o eco.

“Que planeta engraçado!”, pensou. “É todo seco, pontudo e salgado. E os homens não têm imaginação. Apenas repetem o que dizemos... Em casa, eu tinha uma flor: ela era sempre a primeira a falar...”



*M*as, depois de caminhar muito tempo, o pequeno príncipe enfim descobriu uma estrada. E todas as estradas levam aos homens.

– Bom dia – disse ele, ao encontrar um jardim florido, cheio de rosas.

– Bom dia – disseram as rosas.

O pequeno príncipe olhou para elas. Todas eram muito parecidas com a sua flor.

– Quem são vocês? – perguntou, estupefato.

– Somos rosas – disseram as rosas.

– Ah! – exclamou o pequeno príncipe...

E sentiu que era infeliz. Sua flor tinha lhe contado que ela era a única de sua espécie em todo o universo. E ali estavam outras cinco mil, todas parecidas, num só jardim!

Disse, então, para si mesmo: “Ela morreria de vergonha se visse isso... começaria a tossir muito, fingindo morrer para fugir do ridículo. E eu me sentiria obrigado a logo cuidar dela, pois, do contrário, ela poderia se deixar morrer de verdade...”

Depois, ainda pensou: “Eu me achava rico por ter uma flor que pensava ser única no mundo, e possuo apenas uma rosa comum. Com ela e os meus três vulcões, que batem nos meus joelhos, não chego a ser um príncipe muito importante...” E, deitado na relva, ele chorou.



*F*oi então que apareceu a raposa:

– Bom dia – disse a raposa.

– Bom dia – respondeu com educação o pequeno príncipe. – Quem é você? Você é muito bonita...



– Sou uma raposa – disse a raposa.

– Venha brincar comigo – convidou o pequeno príncipe. – Estou tão triste...

– Não posso brincar com você – disse a raposa. – Ainda não fui cativada...

– Ah, desculpe – disse o pequeno príncipe. Mas, após pensar um pouco, ele perguntou:

– O que quer dizer “cativar”?

– Você não é daqui – disse a raposa. – Está em busca de quê?

– Busco as pessoas. O que significa “cativar”?

– As pessoas – disse a raposa – possuem espingardas e caçam. É muito incômodo! Elas criam galinhas também. É tudo o que lhes interessa. Você também procura galinhas?

– Não. Estou em busca de amigos. O que quer dizer “cativar”?

– Isso é uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa “criar laços...”.

– Criar laços?

– Isso mesmo – disse a raposa. – Para mim, você ainda é apenas um garoto parecido com cem mil outros garotos. E eu não preciso de você. Nem você precisa de mim. Para você, sou apenas uma raposa como cem mil outras. Mas, se você me cativar, vamos precisar um do outro. Você se tornará único no mundo para mim. E para você eu também serei única...

– Estou começando a entender – disse o pequeno príncipe. – Tem uma flor... acho que ela me cativou...

– É bem possível – disse a raposa. – Vemos, na Terra, toda espécie de coisas.

– Ah! Não foi na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa pareceu ficar muito intrigada:

– Foi em outro planeta?

– Sim.

– Existem caçadores lá?

– Não.

– Interessante! E galinhas?

– Não.

– Nada é perfeito – a raposa suspirou. E continuou a falar:

– Minha vida é monótona. Eu caço as galinhas, os homens me caçam. Todas as galinhas se parecem, assim como todos os homens se parecem. Então, sinto um pouco de tédio. Mas, se você me cativar, a minha vida vai ficar como que ensolarada. Reconhecerei um ruído de passos diferente de todos os outros. Os outros passos me fazem voltar para debaixo da terra. Os seus me chamarão para fora, como uma música. Você está vendo os campos de trigo, bem longe? Eu não como pão. O trigo para mim é inútil. Os campos de trigo não me dizem nada. E isso é triste! Mas você tem os cabelos cor de ouro. Será então maravilhoso quando você tiver me cativado! O trigo, que é dourado, vai me fazer lembrar de você. E passarei a amar o barulho do vento no trigo...

A raposa se calou e olhou longamente o pequeno príncipe:

– Por favor... cativa-me!

– Eu bem que gostaria – respondeu o pequeno príncipe – mas não tenho muito tempo. Preciso encontrar amigos e conhecer muitas coisas.

– A gente só conhece aquilo que cativa – disse a raposa. – As pessoas não têm mais tempo para conhecer nada. Elas compram o que já vem pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, elas não têm mais amigos. Se você quer um amigo, é só me cativar!

– O que tenho que fazer? – perguntou o pequeno príncipe.

– Precisaré ter bastante paciência. No início, você deverá sentar-se um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu olharei você com o canto do olho e você não dirá nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, a cada dia, você poderá sentar um pouquinho mais perto...



No dia seguinte, o pequeno príncipe voltou.

– Seria melhor ter voltado naquela mesma hora – disse a raposa. – Se você vem, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for se aproximando, mais feliz ficarei. Às quatro, estarei agitada e inquieta: descobrirei então o preço da felicidade! Mas, se você vem numa hora qualquer, nunca vou saber quando deverei preparar o coração... Nós precisamos de rituais, sabia?

– O que é um ritual? – perguntou o pequeno príncipe.

– Essa é outra coisa por demais esquecida – disse a raposa. – É aquilo que faz um dia ser diferente do outro, uma hora ser diferente das outras horas. Por exemplo, os meus caçadores têm um ritual. Toda quinta-feira, eles vão dançar com as moças da cidadezinha. Então, a quinta-feira é um dia maravilhoso! Posso passear até os vinhedos. Se os caçadores saíssem para dançar sem importar quando, os dias seriam todos iguais, e eu nunca teria folga.

Assim, o pequeno príncipe cativou a raposa. E quando chegou a hora da partida, ela disse:

– Ah! Eu vou chorar.

– A culpa é sua, eu não queria lhe fazer mal, mas você quis que eu a cativasse...

– É verdade – disse a raposa.

– Mas você vai chorar! – disse o pequeno príncipe.

– Vou – disse a raposa.

– Então você não ganhou nada com isso!

– Ganhei, sim – disse a raposa. – Por causa da cor do trigo.

Em seguida, acrescentou:

– Vá rever as rosas. Você vai entender que a sua é única no mundo. Quando voltar para se despedir, darei de presente um segredo a você.

O pequeno príncipe foi olhar novamente as rosas. E disse para elas:

– Vocês não são de jeito nenhum como a minha rosa, vocês nada são ainda.

Ninguém cativou vocês e vocês não cativaram ninguém. Vocês são como era antes a minha raposa, apenas uma raposa como cem mil outras. Mas ficamos amigos, e agora ela é única no mundo.

E as rosas ficaram bem chateadas.

– Vocês são belas, porém são vazias – ele continuou. – Por certo, alguém que passar por aqui poderá achar que a minha rosa é como vocês. Mas, sozinha, ela é mais importante do que vocês todas, pois foi ela que eu reguei. Foi sobre ela que pus uma redoma. Foi por ela que matei as lagartas (fora duas ou três, por causa das borboletas). Foi ela que ouvi se queixar, ou se gabar, ou mesmo às vezes se calar. Pois ela é a minha rosa.

E ele então voltou até a raposa:

– Adeus – disse ele.

– Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

– O essencial é invisível para os olhos – repetiu o pequeno príncipe, a fim de se lembrar.

– Foi o tempo que você perdeu com a sua rosa que tornou essa rosa tão importante.

E ele voltou a repetir.

– Os homens se esqueceram desta verdade – disse a raposa. – Mas você não deve esquecê-la. Você se torna para sempre responsável por aquilo que cativa. Você é responsável pela sua rosa...

– Sou responsável pela minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, a fim de se lembrar.





– *B*om dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o ferroviário.

– Qual é o seu trabalho aqui?

– Eu separo os trens em que as pessoas viajam, ora para a direita, ora para a esquerda.

E um trem expresso bem iluminado, estridente como um trovão, fez estremecer a cabine do ferroviário.

– Estão com muita pressa – disse o pequeno príncipe. – O que buscam?

– Nem mesmo o condutor da locomotiva sabe – disse o ferroviário.

E passou outro trem expresso, no sentido contrário.



– Já estão de volta?

– Não são mais os mesmos – disse o ferroviário.

– Não estavam contentes onde estavam? – quis saber o pequeno príncipe.

– Nunca estamos contentes onde estamos.

– Será que estão em busca dos viajantes daquele primeiro trem?

– Não estão em busca de nada – disse o ferroviário. – Eles dormem lá dentro, ou então bocejam. Só as crianças colam o nariz nas janelas.

– Somente as crianças sabem o que buscam – disse o pequeno príncipe. – Elas perdem seu tempo com uma boneca de pano, que se torna muito importante para elas e, se a levam embora, elas choram...

– Elas é que têm sorte – disse o ferroviário.



– **B**om dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – disse o comerciante.

Era um comerciante de pílulas feitas especialmente para matar a sede. Bastava uma por semana para não se precisar beber água.

– Por que vende isso? – quis saber o pequeno príncipe.

– Isso representa uma grande economia de tempo – ele respondeu. – Os especialistas fizeram o cálculo. Cada pílula faz economizar cinquenta e três minutos por semana.

– E o que se faz com esses cinquenta e três minutos?

– O que cada um quiser...

“Se me sobrassem cinquenta e três minutos”, pensou o pequeno príncipe, “iria caminhando bem devagarinho até uma fonte...”



**E**stávamos já no oitavo dia da pane do meu avião no deserto, e ouvi a história do comerciante enquanto bebia a última gota da minha provisão de água.

– Ah – eu disse ao pequeno príncipe – são bem bonitas as suas recordações, mas ainda não consegui consertar o meu avião, não há mais nada para beber, e eu também ficaria feliz se pudesse caminhar devagarinho até uma fonte!

– A minha amiga raposa – começou ele...

– Meu pequeno rapaz, não se trata mais de raposa!

– Por quê?

– Porque podemos morrer de sede...

Ele não compreendeu, e disse:

– É bom ter tido um amigo, mesmo se vamos morrer. Fico bem contente por ter tido uma amiga raposa...

“Ele não avalia o perigo”, pensei comigo. “Nunca sente fome nem sede. Um pouco de sol lhe basta...”

Mas ele me olhou e respondeu ao que eu estava pensando:

– Também tenho sede... vamos procurar um poço...

Fiz um gesto de desânimo: é absurdo sair à procura de um poço, assim, na imensidão do deserto. Mas começamos a caminhar.



Depois de termos andado horas em silêncio, anoiteceu e as estrelas começaram a brilhar. Eu olhava para elas como se estivesse sonhando. Tinha um pouco de febre, por causa da sede. As palavras do pequeno príncipe dançavam na minha cabeça:

– Então você também sente sede?

Mas ele apenas disse:

– A água também pode fazer bem ao coração...

Não compreendi, e fiquei quieto. Sabia que não adiantava perguntar.

Ele estava cansado, e sentou. Sentei perto dele. E, depois de um silêncio, o pequeno príncipe disse:

– As estrelas são belas por causa de uma flor que não se vê...

– Sem dúvida, respondi, olhando para as saliências da areia sob a lua.

– O deserto é bonito – ele falou.

Era verdade. Eu sempre amei o deserto. Ali não se vê nada. Não se ouve nada. E, no entanto, alguma coisa vibra em silêncio...

– O que torna belo o deserto – disse o pequeno príncipe – é que ele esconde um poço em algum lugar...

Assim ele me fez compreender, de repente, essa misteriosa vibração da areia. Quando eu era menino, morei numa casa antiga, e uma lenda dizia que havia ali um tesouro enterrado. Naturalmente, nunca ninguém o descobriu, nem sequer o procurou, talvez. Mas isso tornava encantada a casa toda. Minha casa ocultava um segredo no fundo do coração...

– Sim – eu disse – com a casa, as estrelas ou o deserto, o que os torna belos é invisível!

– Fico contente – disse ele – por você concordar com a minha raposa.

Vi que o pequeno príncipe já estava adormecendo, então o peguei no colo e continuei a caminhar. Era como se eu levasse comigo um tesouro muito frágil. Sob a luz da lua, eu observava o seu rosto pálido, seus olhos fechados, as mechas de cabelo que tremulavam ao vento, e me dizia: “O que estou vendo é apenas uma casca. O mais importante está invisível...”

Seus lábios esboçavam um leve sorriso, e ainda pensei: “O que me comove tanto neste príncipezinho adormecido é a sua fidelidade a uma flor. É a imagem de uma

rosa que irradia dele como a chama de uma vela, mesmo quando está dormindo...” E o senti mais frágil ainda. É preciso proteger as chamas: um só golpe de vento pode apagá-las.

E, continuando a caminhar, encontrei o poço quando amanheceu.



– *A*s pessoas – disse o pequeno príncipe – embarcam nos trens expressos, mas não sabem mais o que procuram. Então se agitam e andam em círculos. Isso não vale a pena...

O poço que encontramos era diferente dos poços do Saara. Estes poços são apenas buracos escavados na areia. Já aquele lembrava um poço de aldeia. Mas como não tinha aldeia alguma por ali, achei que estava sonhando.

– Que estranho – eu disse ao pequeno príncipe – está tudo pronto: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, pegou a corda, fez rodar a roldana. E a roldana gemeu, como geme um velho cata-vento enferrujado.

– Ouça – disse o pequeno príncipe. – Acordamos este poço e agora ele canta...

Eu não queria que ele fizesse esforço:

– Deixe comigo, é pesado para você.

Lentamente, puxei o balde até a borda. Em meus ouvidos, continuava a ressoar o canto da roldana e, na água que ainda tremulava, eu via tremer o sol.

– Tenho sede dessa água – disse o pequeno príncipe – deixe-me beber...

E compreendi o que ele tinha buscado!



Ergui o balde até os seus lábios. Ele bebeu, de olhos fechados. Era doce como uma festa. Aquela água não era um simples alimento. Ela tinha nascido da nossa caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço dos meus braços. Fazia bem ao coração, como um presente. Quando eu era menino, também as luzes da árvore de Natal, a música da missa do Galo, a bondade dos sorrisos faziam brilhar o presente de Natal que me davam.

– Os homens do seu planeta – disse o pequeno príncipe – cultivam cinco mil rosas num único jardim... e não encontram ali o que procuram.

– Não encontram – respondi.

– E, no entanto, poderiam achar o que buscam numa única rosa, ou num pouquinho de água.

– Com certeza – respondi.

– Os olhos são cegos – ele disse. – É preciso procurar com o coração.

Eu tinha bebido a água. Respirava tranquilamente. A areia, quando amanhece, é cor de mel. Também essa cor de mel me deixava feliz. Então, por que me sentia angustiado?

– É preciso que você cumpra a sua promessa – disse baixinho o pequeno príncipe, que tinha sentado ao meu lado outra vez.

– Que promessa?

– Você sabe... a mordança para o meu carneiro... Eu sou responsável pela minha flor!

Então tirei do bolso os desenhos que tinha esboçado. O pequeno príncipe olhou para eles e disse, rindo:

– Seus baobás parecem um pouco com couves...

– Ah! – exclamei. – Eu estava tão orgulhoso dos meus baobás!

– Sua raposa... olhe as orelhas... parecem chifres... e estão compridas demais!

E ele voltou a rir.

– Você é injusto, meu rapaz. Eu não sabia desenhar nada além de jiboias abertas e fechadas.

– Ah, vai funcionar, as crianças entendem.

Então esbocei a lápis uma mordaca. E ao lhe entregar o desenho senti o coração apertado:

– Você tem planos que desconheço...



Mas ele não respondeu. Apenas disse:

– Você sabe, minha chegada à Terra... amanhã será o aniversário... Caí pertinho daqui.

E enrubesceu.

Outra vez, sem entender por quê, senti uma tristeza estranha. Mas falei:

– Então, não era por acaso que, na manhã em que nos conhecemos, há oito dias, você estava perambulando sozinho, a mais de mil quilômetros de qualquer região povoada! Você estava regressando ao ponto de sua chegada?

O pequeno príncipe voltou a enrubescer. E ainda perguntei, hesitante:

– Era então por causa do aniversário?

O pequeno príncipe enrubesceu mais uma vez. Ele nunca respondia às perguntas, mas, quando alguém enrubesce, é porque quer dizer “sim”, não é mesmo?

– Volte agora para o seu trabalho com o avião – disse apenas. – E venha amanhã à noite... Vou esperar você aqui.

Mas eu não estava tranquilo. E me lembrei da raposa. Corremos o risco de chorar um pouco quando nos deixamos cativar...



*D*o lado daquele poço, existia o pedaço de um velho muro de pedra. Quando voltei do trabalho, no dia seguinte, vi de longe o pequeno príncipe sentado lá em cima, balançando as pernas. E escutei o que dizia:

– Mas você não se lembra? Não é de modo algum aqui!

Uma voz deve ter lhe respondido, pois ele replicou:

– Sim! É exatamente o dia, mas o lugar não é este...

Continuei andando até o muro. Ainda não via ninguém além dele. Mas o pequeno príncipe voltou a falar:

– Claro. Você verá onde começa o rastro dos meus pés na areia. E só terá que me esperar ali. Estarei lá hoje à noite.

Depois de um silêncio, continuou:

– O seu veneno é bom? Está certa de que não vai me fazer sofrer muito tempo?

Parei com o coração apertado.

– Agora, pode ir – disse ele. – Quero descer!



Então, baixei os olhos, e dei um salto! Lá estava, erguida na direção do pequeno príncipe, uma dessas serpentes amareladas que podem matar uma pessoa em trinta segundos. Remexi os bolsos para pegar meu revólver, mas, com o barulho que fiz, a serpente deslizou lentamente pela areia e se escondeu entre as pedras com um barulhinho de metal.

Alcansei o muro a tempo de pegar o meu príncipezinho nos braços. Ele estava branco como a neve.

– Que história é essa?! Agora você fala com serpentes?

Desamarrei o cachecol dourado que ele sempre usava. Molhei suas têmporas e dei água para ele beber. Mas não tive coragem de perguntar mais nada. Ele me olhou muito sério e passou os braços em volta do meu pescoço. Eu ouvia o seu coração bater como o de um pássaro prestes a morrer depois de levar um tiro de espingarda. E ele disse:

– Estou contente porque você consertou o seu avião. Agora vai poder voltar para casa...

– Mas como você já sabia?

Eu vinha justamente lhe contar que tinha terminado o conserto! Ele apenas afirmou:

– Eu também vou voltar para casa hoje...

Depois disse, tristonho:

– É bem mais longe... e mais difícil...

Logo percebi que se passava algo fora do comum. Apertei-o em meus braços como a uma criancinha e, no entanto, ele parecia escorregar num abismo, sem que eu nada pudesse fazer para impedir...

Seu olhar estava sério, como que perdido na distância:

– Estou levando o seu carneiro. E a caixa para ele. E a mordaca... E deu um sorriso triste.

Esperiei um pouco, e disse:

– Meu rapaz, você estava com muito medo...

Mas ele apenas riu com doçura:

– Vou ter muito mais medo esta noite...

De novo, fiquei gelado. E compreendi que não podia suportar a ideia de não ouvir mais o seu riso. Para mim, aquela risada era como uma fonte no deserto.

– Meu rapaz, quero continuar a ouvir você rir...

Mas ele disse:

– Vai fazer um ano agora à noite. Minha estrela estará bem em cima do lugar onde cheguei, no ano passado...



– Meu rapaz, essa história de serpente, de encontro e de estrela, é só um sonho mau, não é?

Mas ele não respondeu. Apenas disse:

– O que é importante não se vê...

– Com certeza.

– É como com a flor. Se você ama uma flor que mora numa estrela, é bom olhar o céu de noite. Todas as estrelas ficam floridas.

– Certamente...

– E também com a água. Aquela que você me deu para beber era como uma música, por causa da roldana e da corda... Lembra como era boa?

– Sim...

– De noite, você olhará para as estrelas. Aquela onde moro é tão pequena que não consigo mostrar onde fica. Mas é melhor assim. A minha será para você qualquer uma das estrelas. Então, você vai gostar de olhar todas elas... Todas serão suas amigas. Ah, quero lhe dar um presente...

E riu novamente.

– Ah, meu rapaz, adoro ouvir esse riso!

– Mas é justamente esse o meu presente... como a água...

– O que quer dizer?

– Para as pessoas, as estrelas são coisas diferentes. Para os que viajam, as estrelas são guias. Para outros, são apenas luzinhas. Para aquele homem de negócios, elas valem ouro. Mas todas elas se calam. Você terá estrelas como ninguém tem...

– O que quer dizer?

– De noite, quando você olhar para o céu, vai lembrar que estou morando numa delas, rindo lá, e então para você será como se todas as estrelas rissem. Assim, só você terá estrelas que sabem rir!

E ele riu novamente.

– E quando já estiver consolado (as pessoas sempre acabam se consolando), você vai se alegrar por ter me conhecido. Será meu amigo para sempre. Terá vontade de rir comigo. E às vezes abrirá a janela, assim, só por prazer... E os seus amigos vão ficar bem espantados de ver você rir olhando o céu. Então, você dirá a eles: “Sim, as estrelas sempre me fazem rir!” E eles vão achar que você ficou louco. Será uma brincadeira que estarei fazendo com você...

E ele riu de novo. Depois, voltou a ficar sério:

– De noite, sabe... não venha.

– Não vou deixar você.

– Vai parecer que estou sofrendo... ou até morrendo. Por isso, não venha ver, não valerá a pena...

– Não vou deixar você.

Mas ele parecia preocupado:

– É... também por causa da serpente. Não quero que ela morda você... As serpentes são más. Podem morder só por prazer...

– Não vou deixar você.

De repente, pareceu mais tranquilo:

– É verdade que elas não têm veneno suficiente para uma segunda mordida...

Naquela noite, não vi quando ele saiu. Escapuliu sem fazer ruído. Quando consegui encontrá-lo, ele andava com passos rápidos, decididos. Apenas disse:

– Ah! Você está aí...



E me deu a mão:

– Você fez mal em vir. Você vai sofrer. Vou parecer estar morto, mas não será verdade...

Fiquei quieto.

– Você compreende. É muito longe. Não posso levar este corpo comigo. É muito pesado... Ele ficará como uma velha casca abandonada. As cascas velhas nem são tristes...

Continuei quieto.

– Vai ser bom, sabe? Eu também vou olhar as estrelas. Todas elas serão como poços com uma roldana enferrujada. E todas me darão de beber... Vai ser até divertido!

E ele se calou também, porque agora chorava...

– É aqui. Deixe-me prosseguir sozinho.

E então sentou, porque estava com medo. Disse ainda:

– Você sabe... sou responsável pela minha flor! Ela é tão frágil, tão ingênua. Só tem quatro espinhos de nada para se proteger do mundo...

Então também me sentei. E ele ainda disse:

– Pronto... É só isso...

Ainda hesitou um pouco, depois voltou a se levantar. Deu só um passo.

Não houve nada. Só um brilhozinho amarelo perto do seu tornozelo. Por um instante, ele ficou imóvel. Não gritou. Caiu devagar, como tomba uma árvore. Nem fez ruído, por causa da areia.



Desde então, se passaram seis anos... É a primeira vez que conto esta história.

Quando voltei, os amigos ficaram contentes por me encontrar vivo. Eu estava triste, mas dizia a eles: “É o cansaço...”

Hoje estou mais consolado. Quer dizer... não completamente. Estou certo de que ele voltou para o seu planeta, pois, quando amanheceu, não encontrei mais o seu corpo. Não era um corpo assim tão pesado... E, à noite, adoro ouvir as estrelas. É como se ouvisse quinhentos milhões de sininhos...

Mas percebi uma coisa incrível! Esqueci de fazer a correia de couro na mordança que desenhei! Talvez ele nunca tenha conseguido amordaçar o carneiro. Então me pergunto: “O que terá acontecido? Será que o carneiro comeu a flor?”

E logo digo para mim mesmo: “Claro que não! Todas as noites, o pequeno príncipe protege a flor com a redoma de vidro, e sempre vigia o carneiro...” Então, fico feliz. E todas as estrelas riem para mim.

Mas, às vezes, penso: “Todo mundo pode se distrair de vez em quando, e pronto! E se, uma noite, ele esqueceu de colocar a redoma na flor, e o carneiro escapou sem fazer barulho?” Então os sininhos todos se transformam em lágrimas...

Ficou então esse grande mistério. Para vocês, que também amam o pequeno príncipe, e para mim também, nada será igual no universo se, em algum lugar, não se sabe onde, um carneiro que não conhecemos comeu, ou não, uma rosa...

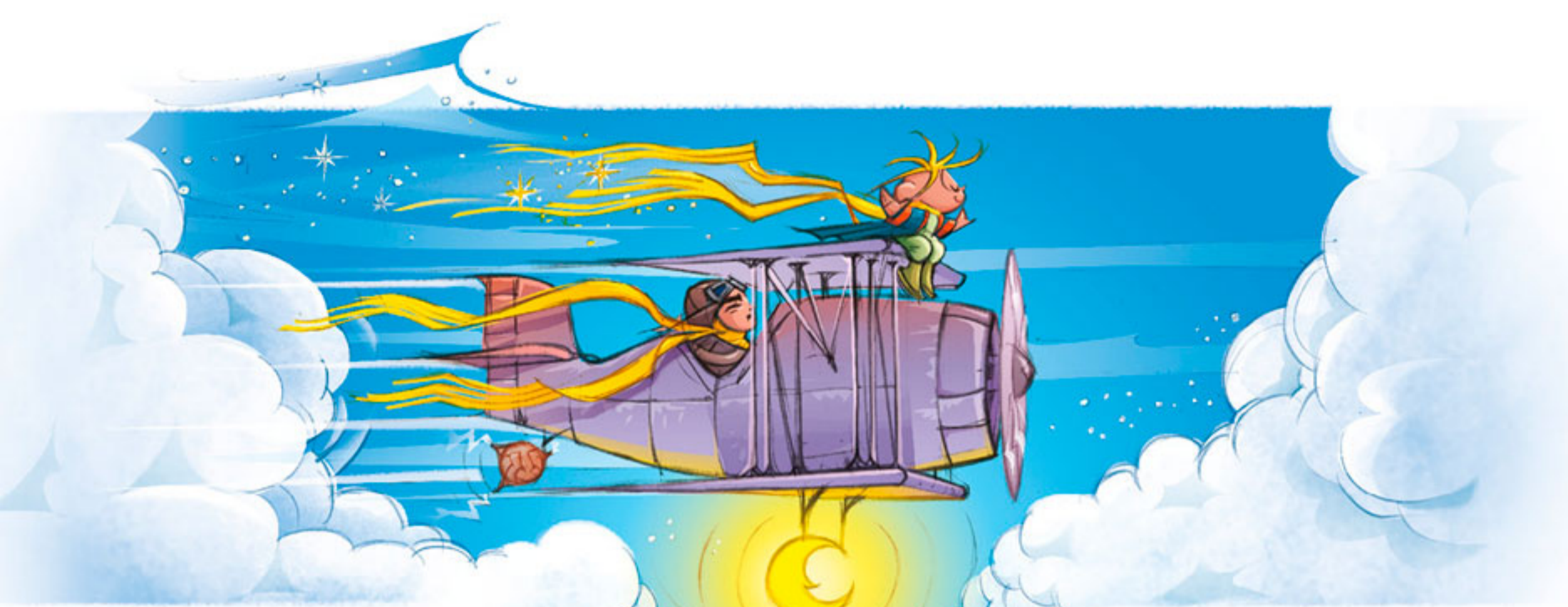
Olhem para o céu. E perguntem: “O carneiro comeu ou não comeu a flor?” E verão como tudo muda...

E nenhum adulto nunca vai compreender como isso pode ter tamanha

importância!

Para mim, esta é a mais bela e a mais triste paisagem do mundo. É a mesma paisagem da página anterior, mas eu a desenhei outra vez para mostrá-la melhor a vocês. Foi aqui que o pequeno príncipe apareceu, e depois desapareceu, na Terra.

Olhem com toda a atenção esta paisagem, para terem certeza de poder reconhecê-la, se um dia viajarem pelo deserto, na África. E, se acontecer de passarem por lá, por favor, não se apressem. Esperem um pouco bem debaixo daquela estrela! Se então aparecer um garoto rindo, com cabelos dourados, que nunca responde quando alguém lhe pergunta algo, vocês vão adivinhar quem é ele. Então, tenham a bondade! Não me deixem tão triste: escrevam-me depressa dizendo que ele voltou...





## SOBRE O AUTOR

O escritor e aviador Antoine de Saint-Exupéry nasceu em 1900 em Lyon, na França, e morreu em 1944, quando desapareceu em missão aérea no mar Mediterrâneo, durante a Segunda Guerra Mundial. Como piloto, voou com frequência entre a França e o norte da África, especialmente ao Marrocos, tendo conhecido de perto o deserto do Saara naquela região; e depois entre a Europa e a América. Foi um dos pioneiros da linha de correio aéreo regular entre a França e a Argentina, tendo passado várias vezes pelo Brasil.

Escreveu romances que fizeram muito sucesso, entre eles *Correio Sul* (1929), *Voo Noturno* (1931), que foi adaptado para o cinema em filme estrelado pelo ator Clark Gable, *Terra dos Homens* (1939) e *Piloto de Guerra* (1942). Mas o seu maior êxito

literário foi *O Pequeno Príncipe* (1943), parábola escrita para crianças, universalmente admirada por pessoas de qualquer idade. Publicado há setenta anos, com desenhos do próprio autor, *O Pequeno Príncipe* aparece até hoje nas listas das obras mais vendidas, e é considerado o livro mais traduzido no século 20. Segundo o filósofo alemão Martin Heidegger, a fábula sobre o príncipezinho terá sido “uma das maiores obras existencialistas” do século passado.

“Saint-Ex”, como também era conhecido – seu outro apelido era “Tonio” –, escreveu *O Pequeno Príncipe* em Nova York, nos Estados Unidos, onde viveu exilado por pouco mais de dois anos, com a tristeza de ver o seu país ocupado pelos nazistas durante a Guerra. O livro foi imediatamente traduzido para o inglês e, curiosamente, apareceu primeiro nessa língua. Mas naquele mesmo ano do lançamento, 1943, também nos Estados Unidos foi publicado o texto original em francês. Na França, onde já vendeu mais de 11 milhões de exemplares, só foi editado depois da Guerra, em 1946, quando o escritor já havia morrido.

Também depois da sua morte, foi publicado o romance *Cidadela* (1948), que, mesmo inacabado, alguns críticos consideram o seu melhor livro “para adultos”.

Em uma grande homenagem a *O Pequeno Príncipe*,  
do francês Antoine de Saint-Exupéry, o maior clássico  
da literatura infantil mundial ganha uma versão lindamente  
ilustrada com os personagens de Mauricio de Sousa.



GIRASSOL BRASIL EDIÇÕES LTDA.

Al. Madeira, 162 - 17º andar - Sala 1702

Alphaville - Barueri - SP - 06454-010

leitor@girassolbrasil.com.br

www.girassolbrasil.com.br

Direitos desta edição no Brasil reservados à  
Girassol Brasil Edições Ltda.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-394-1714-8



9 788539 417148

10394 TM O Pequeno  
Príncipe - Brochura